## Entrevista com Alexandre Massella

## Por Romulo Lelis

Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (2002), onde atua como docente desde 2006, Alexandre Massella tem experiência em Metodologia das Ciências Sociais e Teoria Social. Possui publicado, baseado em sua tese de doutorado, o livro *O naturalismo metodológico de Émile Durkheim* (Humanitas, 2006). É titular da Comissão de Ensino do Departamento de Sociologia para a graduação em Ciências Sociais.

**PRIMEIROS ESTUDOS:** Prof. Alexandre, conte-nos um pouco sobre sua trajetória acadêmica: onde e quais graduações cursou? Fez iniciação científica? O que o motivou a fazer Ciências Sociais?

ALEXANDRE MASSELLA: Eu comecei estudando Direito na PUC e acho que [foi] lá que eu me interessei pela matéria de Sociologia. Havia uma *Introdução à Sociologia* para o curso de Direito. Não me lembro quem era o professor, mas eu gostei da matéria. E aí eu procurei por Ciências Sociais, prestei o vestibular aqui [na USP] e entrei. Comecei a fazer Ciências Sociais e, na época, os departamentos ainda não tinham sido separados. Acho que a separação ocorreu em 1987. Eu cheguei a ter aula com o Brasílio [Sallum], com a Maria Helena [Oliva Augusto], com o [José de Souza] Martins, com o próprio Jeremias [de Oliveira Filho].

Na época, não era tão fácil fazer iniciação científica, não havia todos esses programas para estimular a iniciação com bolsa. Mas eu fiz iniciação, peguei uma bolsa com o Brasílio, que tinha na época um instituto de pesquisa que colhia dados para fazer análise de conjuntura econômica e política; e eu trabalhava nessa base de dados, quando estava no terceiro ano. Depois me formei, acho que em cinco anos, ou em quatro anos e meio, e fui para o mestrado.

Já no final da graduação eu estava me interessando pela parte de fundamentos da Sociologia, fundamentos da explicação sociológica, que era uma

matéria que o Jeremias e o Mário Eufrásio ministravam. Eu fiz a matéria e gostei dessa parte de Filosofia da Ciência aplicada às Ciências Sociais. Tentei complementar a formação nessa área com alguns cursos na Filosofia e, depois, entrei no mestrado já para estudar esse campo, Metodologia das Ciências Sociais. Tive a orientação do Jeremias durante esse período: no mestrado, e depois, no doutorado também.

**PRIMEIROS ESTUDOS:** Ainda sobre a graduação: há algum fato marcante na sua graduação que tenha sido decisivo para que o senhor decidisse seguir a carreira acadêmica? Ou quando entrou para fazer Ciências Sociais já pensava nessa possibilidade?

ALEXANDRE MASSELLA: Não, eu já pensava na carreira acadêmica. Via a carreira acadêmica como uma possibilidade de atuação na área. Eu já estava voltado, portanto, para pesquisa e ensino. Quer dizer, os professores me inspiravam como professores, muito mais como professores do que talvez como pesquisadores, porque a gente não acompanhava tanto, a rigor, as pesquisas. Interessavam-me mais como professores e, provavelmente, o meu interesse em seguir a carreira acadêmica estava um pouco voltado para isso: fazer uma carreira no ensino.

**PRIMEIROS ESTUDOS:** Quais foram os professores e os cursos que o senhor fez durante a graduação que marcaram?

ALEXANDRE MASSELLA: Eu gostei muito do curso do prof. Lísias Negrão, do curso do prof. Claudio Vouga, que deu Weber; hoje ele está na Ciência Política, mas na época era tudo junto [os departamentos]; o curso da prof. Maria Célia Paoli sobre Marx, também. As duas matérias de Economia, com o prof. Ricardo Abramoway, que era professor aqui [da Ciências Sociais] e deu os clássicos, Smith, Ricardo e, depois, *O capital*. A prof. Maria Helena Agusto, gostei muito da optativa que fiz com ela, *Indivíduo, Razão e Liberdade*. Eu tive aula com o prof. Amadeu Lanna na Antropologia, que já se aposentou, sobre o debate entre [Claude] Lefort e [Claude] Lévi-Strauss. Com o [José de Souza] Martins eu tive *Sociologia da Vida Cotidiana*, que era um curso denso teoricamente, com muita Sociologia contemporânea; era

talvez meu primeiro contato com autores contemporâneos, com o interacionismo simbólico, com a etnometodologia; e, depois, ele terminava o curso com [Henri] Lefebvre.

**PRIMEIROS ESTUDOS:** Tiveram colegas da sua época de graduação que se tornaram professores aqui também?

**ALEXANDRE MASSELLA:** A prof<sup>a</sup> Angela Alonso, o prof. Fernando Pinheiro, o prof. Luiz Carlos Jackson, que não eram necessariamente do mesmo ano que eu, mas, enfim, frequentavam os corredores. Outros colegas foram dar aulas em São Carlos, como o prof. Luiz Henrique de Toledo, o prof. Piero Leirner, também... Vários colegas seguiram essa carreira; claro, a maioria talvez não, mas vários.

**PRIMEIROS ESTUDOS:** Como foi percorrer esse caminho, da graduação para o mestrado e doutorado em Sociologia, desde a escolha dos temas até a elaboração propriamente da pesquisa?

ALEXANDRE MASSELLA: Quando eu me propus a entrar na pós, sob a orientação do prof. Jeremias, tinha uma ideia vaga de trabalhar o tema da explicação sociológica, dentro do programa dele de reconstruções metodológicas. Eu queria fazer esse trabalho de explicitação de pressupostos, de abordagens explicativas, da lógica da explicação. E, dentro da teoria clássica – a formação mais forte que tínhamos, como até hoje -, o prof. Jeremias sugeriu um tema que o prof. Florestan Fernandes aponta em Fundamentos empíricos da explicação sociológica, que é a proximidade entre Durkheim e Stuart Mill. Florestan sugere lá que Durkheim tenta fundamentar uma metodologia para Sociologia dentro do espírito do Livro III do Sistema de lógica de Stuart Mill. Eu explorei um pouco esse tema; simplesmente tentei dar um pouco mais de substância a essa ideia. Trabalhei com a análise que Durkheim faz dos métodos comparativos, experimentais, lá no capítulo de As regras do método sociológico, e tentei mostrar como as coordenadas dessa tentativa – de mostrar que os métodos [experimentais] são aplicáveis à Sociologia -, que as referências para esse debate estão lá no Livro III do Sistema de lógica de Stuart Mill. Então foi isso que eu fiz: a reconstrução desse debate.

**PRIMEIROS ESTUDOS:** Essa parte sobre a relação entre Durkheim e Stuart Mill, pelo que eu sei, o Steven Lukes, autor da principal biografia intelectual sobre Durkheim, apesar de ter feito uma extensa pesquisa a respeito da trajetória do autor, não comenta sobre essa relação.

ALEXANDRE MASSELLA: Talvez... Talvez não tenha explorado, mas há um autor que explorou um pouco isso, o Stephen Turner, que tem um trabalho sobre metodologia e causalidade no pensamento social do século XIX; trabalha Durkheim e Weber: ele puxa essa questão da relação entre Durkheim e o Mill. É um tema que alguns autores contestam... Um pouco polêmico na interpretação de Durkheim. Mas com a abordagem que o prof. Jeremias propõe, de reconstrução metodológica, deu para mostrar, quer dizer, não é que ele [Durkheim] se apropria de forma substantiva das ideias [de Mill], mas ele toma os pressupostos que norteiam esse debate na época, e discute a possibilidade de aplicar os métodos experimentais dentro das coordenadas que Mill estabelece para o debate. Por que seria aplicável, em que condições os métodos experimentais são aplicáveis – e Mill apresenta isso para o caso das Ciências Naturais – e por que ele [Mill] não o aplicava às ciências morais. E Durkheim faz um movimento de aproximação das Ciências Naturais com as Ciências Morais para mostrar que sim, [o método] é aplicável, e inclusive é a condição de cientificidade da Sociologia. Quer dizer, contra o que o Mill dizia no Livro VI do Sistema de lógica, mas, se alimentando da discussão sobre causalidade, que está no Livro III do Sistema de lógica, um tratado de metodologia das ciências do século XIX muito lido.

E no doutorado foi um pouco o prolongamento disso, só que me concentrei mais no problema da análise que o Durkheim faz da ação [social]; de como poderia ser feita uma análise da ação sem abrir mão do caráter de Ciência Natural que a Sociologia teria, para Durkheim, e como então ele tenta se equilibrar: ao mesmo tempo que são associações *sui generis*, ainda sim seriam passíveis de tratamento científico nos moldes de uma Ciência Natural. E a principal discussão que eu trato é como Durkheim contesta as explicações finalistas e em que medida, também, ele é obrigado a se comprometer com algum tipo de explicação finalista para as ações do homem em sociedade.

**PRIMEIROS ESTUDOS:** Quais foram as dificuldades mais latentes durante o percurso acadêmico e quanto tempo durou?

**ALEXANDRE MASSELLA:** O tempo que se tinha era muito maior do que o tempo que se tem hoje, tanto no mestrado quanto no doutorado. Eu demorei quatro anos para o mestrado e um pouco mais para o doutorado, acho que quatro anos e meio. Na época, a dificuldade era o prazo: já se dizia na época que era menor do que antes, mas em comparação com hoje, é um belo prazo... A dificuldade maior era a bibliografia, quer dizer, conseguir a bibliografia. Quando eu comecei a fazer o mestrado, eu nem tinha computador: escrevi à mão a dissertação, depois passei para o computador. Quer dizer, não tinha a facilidade de pesquisar essa bibliografia por internet... A biblioteca fazia uma pesquisa para você, dava algumas palavraschave, baixava todos os artigos que tinha a respeito, imprimia-os para você; mas, para ir atrás de todos aqueles artigos não era fácil. Eu consegui viajar por conta própria para fora [do país] e trazer a bibliografia, parte da bibliografia que me interessava. Eu tinha familiares na Austrália, daí viajei para lá; e lá a biblioteca era maravilhosa, com tudo! Aí eu xeroquei, trouxe muita coisa, mas por minha conta. Já no doutorado a facilidade foi maior, mas mesmo assim não era como é hoje: a possibilidade de baixar tantos livros, nesses sites que permitem baixar muita coisa que já está em domínio público. É... Conseguir reunir a bibliografia era uma parte importante da pesquisa, tanto que muita coisa que saiu durante o doutorado, na década de 1990, eu não tive acesso – trabalhos importantes sobre Durkheim.

**PRIMEIROS ESTUDOS:** Nesse período, então, retornou-se a um debate em torno de Durkheim na sociologia mundial...

ALEXANDRE MASSELLA: Isso. Em meados dos anos de 1980, eu acho, começa a se reerguer um pouco a leitura que Parsons fez, e começa-se a contestá-la também. Começam a tentar uma leitura sobre "o que Durkheim quis dizer" e, então, todo trabalho de reconstrução e interpretação direta de Durkheim. Mas, mesmo tendo viajado, não tive acesso a esse material. O que eu comecei a ver foi um trabalho de Robert Jones, que estava começando a tentar extrair um pouco desse Durkheim histórico; mas aí já era final da década de 1980, se não me engano.

**PRIMEIROS ESTUDOS:** Eu perguntaria, então, como a sua leitura se posiciona em relação aos demais interpretes de Durkheim? Imagino que a influência do Parsons na leitura de Durkheim era muito forte, apesar da crítica que se inicia na década de 1980.

ALEXANDRE MASSELLA: Olha, no mestrado eu trato de um tema que só uma tese antiga, francesa, e o Stephen Turner chegam a tratar. Então, no mestrado, não precisei me posicionar exatamente em relação ao Lukes ou mesmo ao Parsons. E no doutorado, aí sim, eu tomo mais coisas do Parsons, que eu acho que é uma leitura que pode ser contestável, do ponto de vista de se Durkheim disse mesmo aquilo. Mas, como instrumental para a análise de teorias sociais, acho que é uma leitura respeitável, é impossível ignorar aquilo que ele fez.

**PRIMEIROS ESTUDOS:** O Habermas diz que não existe teoria social séria sem passar pelo Parsons...

ALEXANDRE MASSELLA: É, e não tem leitura do Durkheim [sem passar pelo Parsons], mesmo que seja para contestar, porque ele marca um tipo de leitura. Ele atribui ao Durkheim um certo esquema positivista em relação à ação, que Durkheim depois vai se libertando. E eu tento no doutorado mostrar, de outra maneira, como é difícil para o Durkheim equilibrar essas duas bases: de um lado uma ciência próxima das Ciências Naturais, o que significa recusar explicações teleológicas, finalistas; e, de outro lado, como preservar, ainda, o caráter de ação àquilo que ele está estudando, como não privar a conduta do caráter de ação, se não levamos em conta a presença de fins, motivos, intenções.

PRIMEIROS ESTUDOS: Para finalizar essa questão: vamos dizer que existe uma percepção dos alunos de Ciências Sociais a respeito da aprendizagem de Durkheim, pelo menos a priori, de que Durkheim é um positivista, e isso seria uma barreira prévia para sua aprendizagem. Quem é o responsável por essa leitura de Durkheim como positivista? Existia essa percepção, na sua época de estudante, de os alunos verem Durkheim como positivista?

ALEXANDRE MASSELLA: Bom, os professores que deram Durkheim o fizeram muito bem e não fizeram questão de transmitir esse tipo de preconceito, pelo contrário! Agora, quem é responsável por isso? Boa pergunta... Certamente não é o Parsons. O Parsons mostra que... Em Durkheim, se tem um período e se existem certos aspectos do pensamento dele que são próximos do positivismo, ele mostra como Durkheim vai se libertando disso; como a teoria dele, com o estudo da moral, da religião, vai rompendo com os pressupostos positivistas. E o Parsons mostra isso muito bem, com sofisticação. Então, quem é o responsável por isso? Provavelmente autores que vulgarizaram o pensamento do Durkheim, que o esquematizaram: porque é um rótulo, um rótulo que às vezes tem uma carga pejorativa.

Mas, se você analisar, a rigor, uma série de teses estão por trás do positivismo, há uma complexidade; é difícil dizer que Durkheim é positivista. Por exemplo, na questão metodológica, tem um certo tipo de positivismo que recusa o papel da teoria na pesquisa científica; e, para você ver, nem Comte chegou a negar o papel da teoria, pelo contrário - Durkheim também não. Existe o positivismo lógico, que recusa um certo estatuto forte para as entidades teóricas - Durkheim não dá valor muito grande às entidades teóricas, mas nós podemos postular entidades teóricas, mesmo que não façam referência a entidades imediatamente observáveis. A doutrina positivista que está em Comte, Durkheim não compartilha em muitos aspectos, por exemplo: o papel dado a uma elite esclarecida na formulação de regras. Quanto ao método, a importância de aliar a teoria com a pesquisa empírica – Durkheim dá valor a isso. Talvez uma ideia mais positivista, de que o único conhecimento válido é o científico... Aí tudo bem, isso pode estar em Comte, mas Durkheim também considera que, no que diz respeito à prática, a religião é uma fonte importante de conhecimento. Então, se nós começamos a explorar muito essa questão... Não dá para rotulá-lo como positivista sem mais.

**PRIMEIROS ESTUDOS:** Mudando agora para outro assunto. Como delimitar o campo de estudo da Sociologia?

**ALEXANDRE MASSELLA:** O que há que dá unidade é um certo ponto de vista, com respeito à explicação, provavelmente. Então, levar em conta variáveis que dizem respeito ao meio social; e isso pode se estender à religião, à arte, à economia, aos

fenômenos jurídicos... Mostrar como eles podem ter algum vínculo com estados do grupo social, no sentido mais geral: desde a maneira como Durkheim considerava isso até indo para o lado mais dos interesses que estão por trás dos grupos, dos conflitos entre grupos... Estudar esses fenômenos, desse ponto de vista, seria um ponto de vista sociológico. Quer dizer, isso é uma visão geral o suficiente para abarcar as contribuições que os clássicos da sociologia oferecem. Todos eles estão, de diferentes maneiras, preocupados em tentar identificar como o meio social, nos seus vários aspectos, influencia esses fenômenos, ou culturais ou econômicos. O meio social e seus vários aspectos: desde características morfológicas do grupo – como dizia Durkheim –, frequência de relações, volume do grupo; ou fenômenos ideacionais, propriamente culturais – no caso, talvez, de Weber; ou conflitos de interesses – no caso de Marx. Mas todos tentando mostrar que características do meio social são importantes para entender certos fenômenos, como a economia etc.

**PRIMEIROS ESTUDOS:** O que é um autor clássico e por que alguns autores, na sua visão, adquiriram esse status? Qual a importância/relevância desses autores para o desenvolvimento da Sociologia?

ALEXANDRE MASSELLA: É, não sei se nós podemos ser tão duros e dizer "a partir daqui começa a Sociologia", mas, certamente, os clássicos constituem uma matriz para o pensamento sociológico. Não é que eles inventaram a coisa do nada, obviamente, mas eles sintetizaram uma série de correntes que já estavam explorando um pouco isso: tentar identificar por que o meio social influencia, por que é que as coisas não vêm apenas do indivíduo, das características supostamente inatas do indivíduo. Todos eles, digamos, sintetizaram um pouco isso: fizeram uma síntese de várias correntes que estavam já apontando para essa ideia. A importância deles é que apresentam isso de uma maneira sistemática, organizada, já com um rendimento empírico considerável.

A sua pergunta, por que eles são clássicos... Acho que, em primeiro lugar, por causa disso, porque eles tematizaram um problema que ainda nos interessa, que é o da sociedade moderna na transformação da passagem do mundo tradicional para o moderno. Todos eles se preocuparam com isso, tentaram explicar isso desse

ponto de vista que depois veio a se chamar, de forma muito mais empática, de sociológico. Então, acho que o fato deles terem sido, digamos, os primeiros a organizarem um pouco e explicitarem as ferramentas conceituais, do ponto de vista sociológico, os torna clássicos. Desse ponto de vista de conceitos mínimos ou de uma metodologia no sentido mais amplo, sem a qual não podemos falar de Ciências Sociais: isso está, acredito, presente neles... A questão é que eles formularam os problemas de uma maneira que ainda é atual, e conceituaram os problemas, forjaram conceitos para pensar cientificamente, com certo nível de abstração, esses problemas que surgem dentro da sociedade moderna.

Agora, claro que precisaria de toda uma pesquisa para mostrar por que eles acabaram vingando como os autores clássicos, não só aqui no Brasil. O fato é que eles são uma espécie de herança comum para várias correntes da Sociologia. Há muitas divergências entre as abordagens teóricas, mas todas elas, de alguma maneira, dialogam com os clássicos. Então acaba sendo uma espécie de terreno comum, em que todas as várias abordagens no interior da Sociologia se encontram para dialogar, para reivindicar um passado que legitima a abordagem que está sendo proposta. Quer dizer, é ainda um manancial de conceitos e de problemas, não de respostas. É um terreno onde várias abordagens dialogam; servem também para dar um pouco de unidade à disciplina.

**PRIMEIROS ESTUDOS:** Na sua visão, como os estudos de metodologia e teoria social se relacionam e se inserem dentro do domínio da Sociologia?

ALEXANDRE MASSELLA: Bom, ambos são parte integrante do estudo da Sociologia. Estudar a teoria e os pressupostos que estão por traz da teoria, que é a metodologia no sentido mais teórico, e estudar também como você leva adiante uma pesquisa, que é a metodologia no sentido mais técnico – técnicas quantitativas e qualitativas. É fundamental para o aprendizado da teoria, e por isso que os primeiros anos são centrados na formação teórica com o estudo dos três clássicos. Não é possível sair fazendo pesquisa sem um mínimo de preparo teórico. E, além disso, com o tempo, o estudo da teoria passou a ser uma especialidade nos estudos de pós-graduação. Quer dizer, não necessariamente fazer Ciências Sociais significa fazer uma pesquisa empírica, relacionada, de preferência, a algum problema social.

Claro, isso é importante, felizmente se faz bastante isso, mas há lugar também para aqueles que estudam os pressupostos e que linhas de pesquisa uma determinada teoria abre, que tipo de aspecto da realidade uma teoria permite ver e outra não permite. Esse tipo de exercício sobre os fundamentos da teoria e sobre o rendimento empírico de uma teoria, já é, entre nós, uma linha de pesquisa.

PRIMEIROS ESTUDOS: Como o senhor se defenderia de Durkheim atualmente, já que ele dizia, por exemplo, que toda reflexão teórica deve estar subordinada à pesquisa? A questão da autonomia do estudo teórico dentro da Sociologia, no sentido do que estava tentando fundamentar: como o senhor confrontaria o seu próprio objeto de estudo nesse caso?

**ALEXANDRE MASSELLA:** Se o critério é uma contrapartida prática – imediata –, claro que é fácil descaracterizar a importância de uma pesquisa puramente teórica. Mas, a importância desse tipo de pesquisa, puramente teórica, é a de ter clareza sobre os pressupostos que estão envolvidos em um sistema, em uma elaboração teórica. É importante não ter a ingenuidade de achar, por exemplo, que a teoria se desenvolve mediante o confronto direto com os dados, que ela vai surgir naturalmente disso.

Então é importante ter clareza sobre esses pressupostos que, às vezes, são de natureza normativa. E, se não temos clareza sobre esses pressupostos, nós não os submetemos à discussão. Inclusive não estaremos dispostos a reconhecer, por exemplo, que outros pressupostos com outra carga normativa podem ter algum tipo de precedência, justamente por isso. Quer dizer, é importante ter clareza para saber com o que você está se comprometendo quando abraça um tipo de teoria. Então, não é algo sem consequências – esse tipo de clareza. Não que a gente possa resolver tudo mediante essa discussão puramente racional quando se trata de valores, mas, enfim, a tentativa de levar adiante tanto quanto possível uma discussão racional em torno dos valores me parece que é um imperativo de quem pretende pertencer a uma comunidade intelectual. Então, ter clareza sobre os pressupostos é abrir caminho para a discussão racional em torno deles.

**PRIMEIROS ESTUDOS:** Passando agora para outro assunto. Qual o interesse pedagógico do Departamento de Sociologia nesses anos de formação inicial do estudante? E qual o perfil de estudante que se pretende formar?

ALEXANDRE MASSELLA: O curso pretender dar essa formação teórica inicial, centrada nos clássicos e depois em algumas teorias mais contemporâneas, e dar também um certo conhecimento de técnicas de pesquisa, para que depois se possa levar adiante uma pesquisa. E as optativas estão estruturadas em torno de alguns problemas mais substantivos, dependendo da especialidade dos docentes. É um pouco essa formação que se pretende dar. E, principalmente, há uma certa unidade no projeto pedagógico que é tornar o aluno capaz de identificar, formular em termos teóricos, abstratos e conceituais os problemas sociais. Transformar problemas sociais em problemas sociológicos, tanto para investigar melhor o problema, como também, se a gente quiser ser muito ambicioso, participar do desenvolvimento da teoria social. A ideia do curso não é mergulhar o aluno nos problemas sociais diretamente; não discutimos, nos cursos, notícias de jornal – a menos que elas sejam passíveis de uma elaboração teórica e conceitual. A ideia não é introduzir o aluno diretamente nos debates atuais; é prepará-lo teoricamente para, aí sim, enfrentar os debates atuais.

**PRIMEIROS ESTUDOS:** Em relação a outros cursos de Ciências Sociais que o professor conhece, existe alguma especificidade da graduação na USP?

ALEXANDRE MASSELLA: Não conheço profundamente outros cursos. Eu sei que nós temos aqui uma marca forte nos clássicos, um estudo tanto quanto monográfico dos autores, em primeiro lugar. Claro que há discussão interna, muitos acham que o curso deveria adotar uma linha mais temática, isto é, tomar alguns temas e depois apresentar ao aluno – como o tema da ordem social, do conflito, da transformação, que teriam sido enfrentados por vários autores, por vários esquemas teóricos. Na verdade, são diferentes estratégias pedagógicas. Mesmo quando damos um curso monográfico, acabamos mostrando como o autor em questão está tentando enfrentar alguns temas; e no curso seguinte, centrado em outro autor, mostramos como este último enfrentou esses mesmos temas com outro aparato teórico. Então,

não é que os temas estejam ausentes; é uma questão de ênfase que talvez esteja em discussão: dar uma ênfase direta nos problemas ou nos autores.

**PRIMEIROS ESTUDOS:** Pessoalmente, o senhor tem uma preferência entre cursos monográficos ou temáticos?

ALEXANDRE MASSELLA: Então, como eu estava tentando dizer: acredito que, talvez, não seja tão diferente uma coisa da outra. É claro que do ponto de vista de uma ciência "robusta", uma ciência coma a Economia, as Ciências Naturais, você não vai estudar o autor; você estuda o conhecimento consolidado, que geralmente é apresentado por meio de um manual, e que dá conta dos problemas: esse é o esquema teórico que nós temos para dar conta de X problemas, isso é o que temos. Ninguém vai estudar Física estudando Newton, a não ser que ele esteja interessado em História da Física. Se estuda o conhecimento consolidado e os problemas de pesquisa que esse conhecimento apresenta, as linhas de pesquisa e possibilidades de pesquisa. Então, se a gente quisesse adotar uma linha mais próxima dessas ciências "robustas", seria interessante: agora temos os problemas que são esses, e esses são os esquemas teóricos disponíveis e que dialogam entre si. Claro que há aí um problema: será que nós podemos dizer que esses esquemas teóricos estão falando dos mesmos problemas, dos mesmos fatos? Se eles partem de pressupostos diferentes, isso também tem um impacto em como construir o objeto. Então, podemos ou não falar que eles estão tratando o mesmo objeto? Mas no nível bem geral, podemos dizer que os clássicos estão tratando da passagem da sociedade tradicional para a moderna. Então, se quisermos dar uma roupagem mais "robusta" para a Sociologia, mostrar que Sociologia é uma ciência madura, talvez devêssemos abandonar mesmo essa questão dos autores, quer dizer, abandonar como uma via de entrada. O problema é: se é verdade que esses autores são clássicos e que eles forjaram as ferramentas e os conceitos que ainda são pertinentes - mesmo para chegar a entender os autores contemporâneos -, se isso é verdade, então assim que apresentamos um problema somos automaticamente levados a recuperar a teoria dos clássicos. Então, creio que o resultado final não seja tão diferente. A não ser o fato de que o tratamento dos problemas já obrigue o aluno a confrontar os esquemas teóricos logo de cara.

Você apresenta, em relação ao problema, digamos, da transformação social, a visão de X, de Y e de Z, e aí já há o confronto direto. Ganha-se um pouco nisso, você não pensa mais os autores com os esquemas teóricos de modo estanque, separados, você é levado a fazer esse diálogo, é um exercício interessante, que estimula, que é importante. Agora, a questão é: dá para fazer isso logo no início ou não seria mais razoável, do ponto de vista pedagógico, apresentar um por vez e depois, ao longo do curso, confrontá-los? As disciplinas optativas às vezes têm esse perfil: em relação a um problema específico que está sendo tratado, movimentos sociais, por exemplo, apresenta-se quais são as contribuições dos clássicos e depois como os contemporâneos veem, muitas vezes se alimentando de um clássico ou criticando um clássico. Esse trabalho de confronto acaba sendo realizado muitas vezes nas disciplinas optativas. Claro, as pessoas que defendem os problemas/temas poderiam muito bem dizer: "esse trabalho de confronto depois é perdido se ele não é feito". Se você dá o Durkheim, para entender internamente Durkheim, depois o Weber, o Marx, para entender internamente o Marx; claro que o professor pode aqui e ali fazer um paralelo, mas isso fica ali como um fragmento no meio da aula, e então depois se perde esse confronto mais sistemático entre os três. É um risco, mas eu acho que as disciplinas optativas, muitas delas, tais como estão organizadas, acabam fazendo isso. É uma discussão infindável.

**PRIMEIROS ESTUDOS:** Ainda sobre a graduação: quais são, na sua opinião, os pontos mais fortes e mais fracos da nossa graduação na USP? O que é passível de mudança?

ALEXANDRE MASSELLA: O ponto forte, eu não sei se é uma particularidade de USP, mas enfim, eu acho que é fazer essas duas coisas: dar uma formação teórica e ao mesmo tempo possibilitar ao estudante algumas linhas de pesquisa que o levam a um trabalho propriamente empírico. Essa articulação, claro que não é simples de fazer, que nem sempre os estudantes têm canais para levar isso adiante, mas essa tentativa, esse projeto de articulação é forte; independente dos canais que a gente tem de fato para fazer isso, se a iniciação está de fato ajudando nisso ou não, mas essa proposta é o ponto forte. Implementá-la aqui é o que estamos tentando permanentemente, e com algum grau de êxito. Por que não? Com o aumento, talvez,

de estudantes participando da iniciação, abra essa possibilidade de torná-la mais concreta, isto é, alunos que realmente façam isso, essa articulação.

O que precisamos aperfeiçoar... O que a gente precisa fazer de mais urgente, me parece, é ampliar o número de optativas. Tentar fazer isso, reduzir, portanto, o número de alunos nas optativas. Não ter que colocar limites, que isso é uma solução fácil, deixando um monte de alunos sem opção de fazer disciplinas. A questão é ampliar a oferta, e claro que isso exige contratação de professores. Eu vejo dessa forma, como uma questão do investimento a ser feito na graduação, exige-se investimento em recursos humanos e em material bibliográfico – atualizar a biblioteca. Claro, todos esses investimentos em iniciação, ampliar o número de bolsas, esses programas são muito importantes também. O dinheiro que a reitoria está, também, oferecendo para projetos que recuperam um pouco o espaço físico do prédio, tudo isso é importante. Mas eu, quando penso em investimento na graduação, penso sempre nessa parte dos recursos humanos e no material bibliográfico. Penso sempre nessa direção: resolver os problemas da graduação é ter mais professores.

**PRIMEIROS ESTUDOS:** Bom, prof. Alexandre, obrigado pela entrevista!